

Práticas de
inversão
contrassexual

Dildotectônica

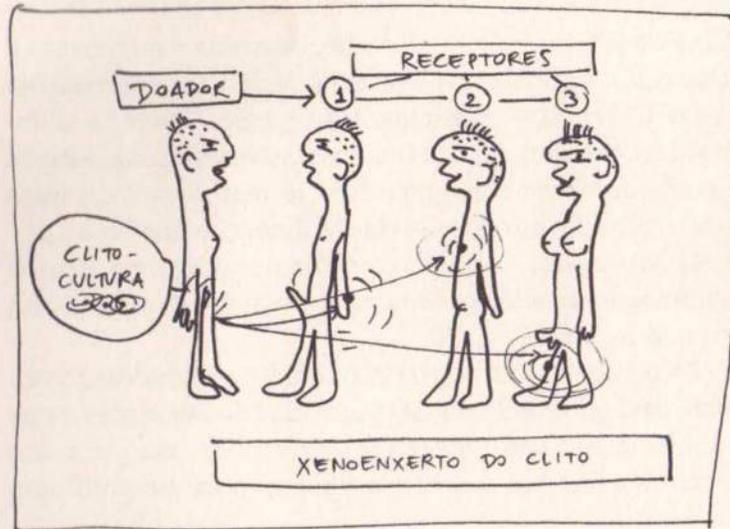
Dildo = sexo de plástico
Téhton = construtor, carpinteiro

A Dildotectônica é a contraciência que estuda o surgimento, a formação e a utilização do dildo. Ela localiza as deformações que o dildo inflige ao sistema sexo/gênero. Fazer da dildotectônica um ramo prioritário da contrassexualidade supõe considerar o corpo como superfície, terreno de deslocamento e de localização do dildo. Devido às definições médicas e psicológicas que naturalizam o corpo e o sexo (segundo as quais o dildo seria um simples "fetiche"), esta empresa resulta, com frequência, difícil.

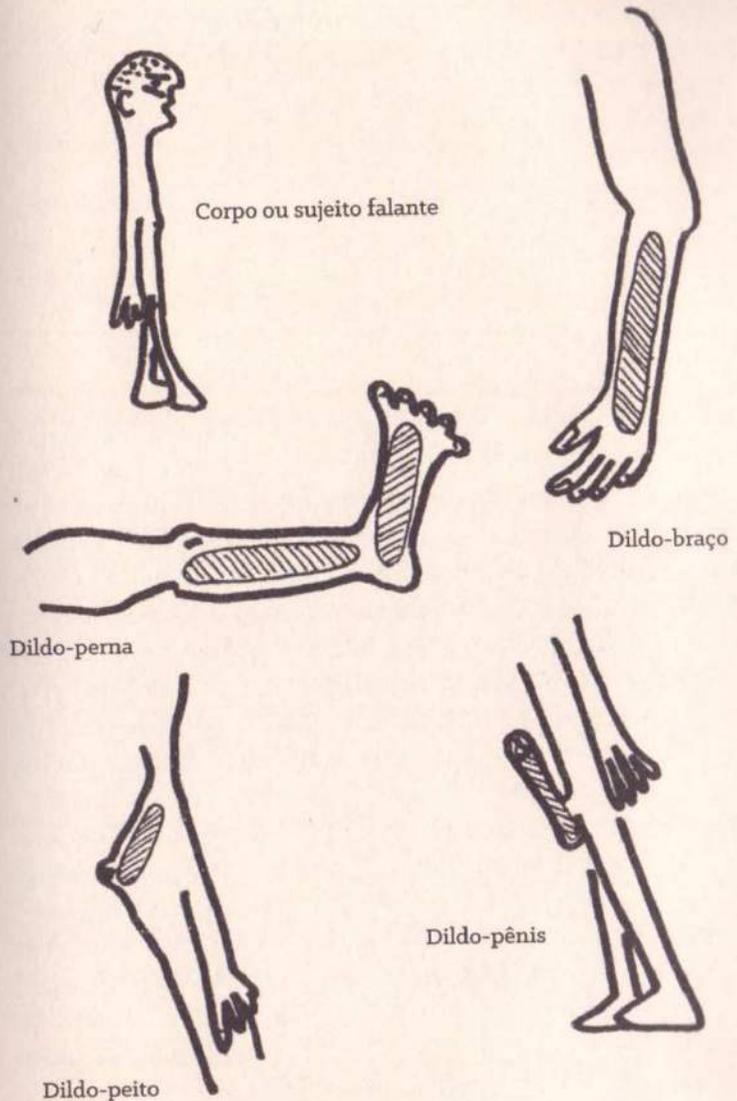
Do ponto de vista heterocentrado, o termo *dildotectônica* pode designar qualquer descrição das deformações e das anormalidades detectáveis, à primeira vista, em um único corpo ou em vários corpos que transam com, ou se utilizam de, dildos.

A Dildotectônica se propõe identificar as tecnologias de resistência (que, por extensão, chamaremos de "dildos") e os momentos de ruptura da cadeia de produção corpo-prazer-benefício-corpo nas culturas sexuais hétero e *queer*.

É possível também generalizar a noção de “dildo” para reinterpretar a história da filosofia e da produção artística. Por exemplo, a escritura, tal como foi descrita por Jacques Derrida, não seria senão o dildo da metafísica da presença. Da mesma maneira, seguindo Walter Benjamin, poderíamos afirmar que um museu de réplicas de obras de arte teria um estatuto dildológico em relação à produção da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. Em último caso, toda filosofia pode retroagir a uma dildologia mais ou menos complexa.



Dildotopia



Prática I – O ânus solar de Ron Athey

Encontro de um dildo sobre sapatos com salto agulha, seguido de autopenetração anal

Los Angeles, final dos anos oitenta. Ron Athey atuava em clubes noturnos. Sua performance intitulada *Quatro cenas de uma vida dura*, apresentada no Walker Art Center de Minneapolis, em 1994, será censurada em diversos centros artísticos, desencadeando um debate em escala internacional sobre os limites da performance e da *body art*. Em *Quatro cenas de uma vida dura*, Ron Athey brinca com sangue infectado de HIV; escarifica sua pele, e escarifica, de comum acordo, a pele de outra pessoa; fala abertamente da toxicomania e de sua condição de bicha soropositiva.

Paris, 21 de agosto de 1999. Ron Athey executa sua performance *O ânus solar* no Forum des Images. Essa performance excede tanto a *body art* quanto a sexualidade. É contrassexual. Nela, vemos primeiro um vídeo: a cena de um filme no qual se realiza uma tatuagem ao redor do cu de Athey. Ele está de quatro, o olho do cu aberto em direção à câmera. Uma mão, de luvas limpas, desenha e grava cuidadosamente um sol preto ao redor de seu ânus com a ajuda de uma máquina de tatuar. Depois, os olhos do público se voltam para o palco

onde Ron Athey se prepara para subir em seu trono. Está nu. Uma tortura-genital muito precisa, que consiste em injetar um líquido tóxico (uma solução salina), deformou seu pênis e seus testículos. Sua genitália, que se sobressai e balança entre suas pernas, se parece mais com uma espécie de útero externo do que com o sexo masculino. Seu pênis está inchado sem estar com uma ereção. Está cheio, mas sem esperma. Em vez de ejacular, recebeu a ejaculação técnica e calculada da seringa. Seu sexo é contrassexual. Usa cinta-liga. Caminha sobre um salto agulha. Avança lentamente, como se a cada passo fosse cair. Dois dildos foram acoplados em seus saltos, como esporas. Amarrou-os a seus pés, como Pierre Molinier já havia feito antes em seu *Autorretrato com esporas de amor*. Os dildos pendem atrás de seus sapatos como órgãos flácidos e secundários.

Prepara-se para a autodildagem. Sobe em seu trono: uma cadeira, híbrido de mesa de ginecologista, penteadeira e *sling* S&M. Em primeiro lugar, maquia o rosto introduzindo longas agulhas sob a pele que, em seguida, fixa com fios em sua coroa de espinhos. É a rainha que tem a cara esticada pela coroa de ouro. É a esposa cujo ânus virginal, aquecido por um sol preto, está disposto para uma noite de bodas solitária. De quatro, a rainha entrega seu ânus a seu povo. Seus súditos esperam ser cobertos por uma onda de merda. Seu ânus dá: com a ajuda de uma vara, ele tira o colar de pérolas brancas de Louise Brooks. Uma cadeia interminável de bolas de merda imaculadas e brilhantes. Seu ânus é benção e dom. Quando o ânus está vazio, disposto a receber, o ritual de transar com o dildo começa. Imprime um vaivém em suas pernas. Os dildos pendem de seus calcanhares, brigam para penetrar seu ânus. *Dildagem interruptus*. Sempre. Nenhum dos dois dildos possui totalmente seu ânus. Este não pertence

a nenhum dos dois. O trio transa, ou melhor, não chega a transar. Masturbam-se. Não.

Princípio que dirige a prática: Esta prática foi planejada como a repetição da sequência da performance de Ron Athey, *O ânus solar*, no espaço doméstico. É recomendada especialmente para maridos desocupados e solitários no lar, que tenham tendências transgêneras ou homossexuais ainda inexploradas. Também é recomendada para: as caminhoneiras e as *butchs*, lésbicas com identificação masculina, e as mulheres heterossexuais com identificação masculina (com ou sem parceiro) passíveis de terem abandonado toda atividade sexual durante um período superior a seis meses.

Número de corpos (ou sujeitos falantes) que compartilham esta prática: 1.

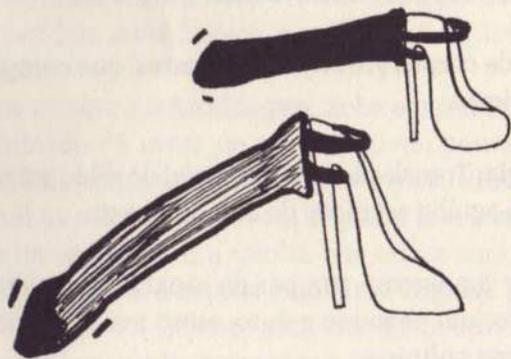
Tecnologia: Translação contrassexual do dildo sobre sapatos com salto agulha seguidos de autodildagem.

Material: Um enema, um par de sapatos com salto agulha, dois dildos (um pequeno e duro, outro maior e macio), duas cordas, uma poltrona.

Duração total: 11 minutos.

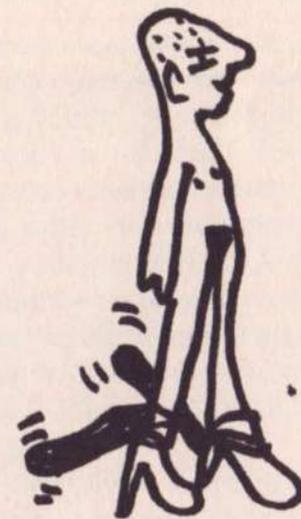
Objetivo da prática: aprender a trafegar com dildos recorrendo a uma tecnologia sexual similar à da *collage* ou à da gramatologia. O exercício consiste em reunir uma prática de *cross-dressing* ou travestismo (para homens ou mulheres com identificação masculina) e uma prática de autopenetração com dildos.

Descrição da prática: Dispa-se. Prepare um enema anal. Deite-se de lado e repouse nu durante dois minutos depois do enema. Levante-se e repita em voz alta: dedico o prazer do meu ânus a todas as pessoas portadoras de HIV. Aqueles que já sejam portadores do vírus poderão dedicar o prazer de seus ânus a seus próprios ânus e à abertura dos ânus de seus entes queridos. Coloque um par de sapatos com salto agulha e amarre dois dildos aos tornozelos e aos sapatos. Prepare seu ânus para a penetração com um lubrificante adequado.



Deite-se em uma poltrona e tente dar o cu a cada dildo. Utilize sua mão para que o dildo penetre seu ânus. Cada vez que o dildo sair de seu ânus, grite seu contranome copiosamente. Por exemplo: "Júlia, Júlia." Depois de sete minutos de autodildagem, emita um grito estridente para simular um orgasmo violento.

A duração total da prática deve ser controlada por um cronômetro que indicará, como um voyeur do tempo, o final do prazer e o apogeu orgástico. A simulação do orgasmo será mantida por dez segundos. Em seguida, a respiração se fará mais lenta e profunda, as pernas e o ânus ficarão totalmente relaxados.



Prática II – Masturbar um braço

Encontro de um dildo sobre um antebraço

No âmbito do sistema capitalista heterocentrado, o corpo funciona como uma prótese-total a serviço da reprodução sexual e da produção de prazer genital. O corpo está organizado em torno de um único eixo semântico-sexual que deve ser excitado mecanicamente seguidas vezes. A atividade sexual assim entendida, seja heterossexual ou homossexual, é chata e mortífera. A meta dessa prática contrassexual consiste em aprender a subverter os órgãos sexuais e suas reações biopolíticas. Este exercício se baseia na redenominação de certas partes do corpo (neste caso, um antebraço) graças a uma operação de citação que chamo de inversão-vestidura.

Por inversão-vestidura me refiro a uma operação de citação prostético-textual que inverte o eixo semântico do sistema heterocentrado. Inverter no sentido econômico do termo (que o coloca em andamento, que o força a produzir na espera de certo contrabenefício), e investir no sentido político do termo (que confere a autoridade de fazer algo, que está carregado de força performativa). Essa operação de citação desloca a força performativa do código heterocentrado para,

finalmente, “inverter-investir”, provocar uma *per-versão*, uma reviravolta na produção habitual dos efeitos da atividade sexual.

Princípio que dirige a prática: A lógica do dildo.

Número de corpos (ou sujeitos falantes) que compartilham esta prática: 1.

Tecnologia: Translação contrassexual do dildo em um antebraço ou a Dildotectônica aplicada a um antebraço.

Material: Uma caneta hidrográfica vermelha.

Material opcional: Um violino (ou uma imitação de tal instrumento).

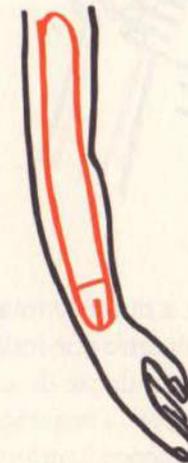
Duração total: 2 minutos e 30 segundos.

Descrição da prática: Um corpo falante segura um violino entre a base de sua mandíbula e seu ombro esquerdo. Sua mão esquerda se apoia nas cordas com precisão. Sua mão direita agita o arco com energia. O corpo dirige o olhar para seu braço esquerdo como se tentasse seguir uma partitura sobre uma estante.

Sem mudar a posição do corpo, retire o violino (operação: dispensar o violino). A cabeça, já sem violino, repousa sobre o braço esquerdo. O lugar que antes era ocupado pelo objeto, assim como a relação que este estabelecia com o corpo, são sistematicamente substituídos por um dildo.

A operação de translação somática consiste em reiterar o dildo sobre o antebraço esquerdo, desenhando sua forma

com a ajuda de uma caneta hidrográfica vermelha. Esta prática foi inspirada pelos métodos cirúrgicos empregados na faloplastia para a fabricação de um pênis a partir da pele e dos músculos do braço. Na realidade, a medicina contemporânea trabalha o corpo como uma paisagem aberta na qual um órgão pode dar lugar a qualquer outro. A julgar por esta plasticidade somática, cada corpo contém potencialmente pelo menos quatro pênis (dois nos braços, dois nas pernas) e indeterminadas vaginas (enquanto orifícios, podem ser artificialmente abertas por todo o corpo).



Em seguida, o olhar se dirige ao plano horizontal do braço onde se encontra o dildo. Pegue o dildo-braço com sua mão direita e a deslize de cima para baixo, intensificando a circulação do sangue até os dedos (operação: bater uma punheta num dildo-braço). A mão esquerda se abre e se fecha ritmicamente.

O sangue circula de maneira cada vez mais intensa. O efeito é musical. A melodia é produzida pelo som da pele sendo esfregada. O corpo respira seguindo o ritmo da fricção.



Como a prática anterior, a duração total deve ser controlada com a ajuda de um cronômetro que indicará o final do prazer e o apogeu orgástico. A simulação do orgasmo será mantida durante dez segundos. Depois, a respiração se fará mais lenta e profunda, os braços e o pescoço ficarão totalmente relaxados.

Prática III – Como fazer um dildo-cabeça gozar

Citação gráfica de um dildo sobre uma cabeça

Princípio que dirige a prática: A lógica do dildo.

Número de corpos (ou sujeitos falantes) que compartilham esta prática: 3.

Tecnologia: Translação contrassexual do dildo sobre uma cabeça ou a Dildotectônica aplicada a uma cabeça.

Material: Uma caneta hidrográfica vermelha, 75 ml de água colorida vermelha (não tóxica), uma maquininha de cortar cabelo.

Duração total: 2 minutos e 5 segundos.

Descrição da prática: Três corpos falantes assinam um contrato contrassexual cuja meta é conhecer e aperfeiçoar a prática da citação gráfica do dildo sobre uma cabeça. A prática será realizada tantas vezes quantas julguem necessárias para que todos os corpos se coloquem pelo menos uma vez na posição de citação.

Em primeiro lugar, dois dos corpos raspam a cabeça de um terceiro. A operação de translação somática é realizada através da citação de um dildo sobre a superfície da cabeça raspada, desenhando-se um dildo na pele com uma caneta vermelha.



O corpo que está na posição de citação tem 75 ml de água vermelha na boca. Permanece de pé entre os outros dois corpos. Estes esfregam o dildo-cabeça seguindo um ritmo regular, fazendo deslizar suas mãos de baixo para cima (operação: bater uma punheta em uma cabeça-dildo). A cada quarenta segundos, o dildo-cabeça cospe olhando para o céu. Os outros dois trabalhadores são abençoados por uma chuva púrpura.



Em dois minutos, terá cuspidos três vezes. Logo depois da terceira cuspada, a cabeça-dildo soltará um grito estridente para simular um violento orgasmo.



A prática, que começará a cada vez com um sujeito falante de cabeça raspada (operação: cortar o cabelo), pode ser efetuada ao longo de vários dias. Durante este período contratual, os três corpos (ou sujeitos falantes) compartilham a condição de raspados, e a prática se inicia com a operação de citação do dildo sobre a cabeça de um ou de outro. Os corpos comprometidos no contrato aprenderão a dominar o exercício da citação gráfica de um dildo sobre a cabeça através de numerosos exercícios até se transformarem em especialistas na arte de provocar e simular orgasmos na cabeça.

